

ENTREVISTA COM ANA SCHMIDT

ASSESSORIA TÉCNICA

DATA:23/05/2019

LOCAL: ESCOLA DE ARQUITETURA

PARTICIPANTES:

Roberto Eustaáquio

Giselle

Letícia Notini

Ana Schmidt

TAGS:

Dados Gerais

Fase de Mobilização

Habitação

Relações de vizinhança e ações comunitárias

Fase de projeto

SIGLAS (em ordem de aparição):

ASCA - Associação dos Sem Casa do Bairro Betânia e Região

URBEL - Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte

OP - Orçamento Participativo

CREA - Conselho Regional de Engenharia e Agronomia

AG - Andrade Gutierrez

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica

IAB - Instituto de Arquitetos do Brasil

PUC - Pontifícia Universidade Católica

PRU - Plano de Regularização Urbanística

CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais

Sudecap - Superintendência de Desenvolvimento da Capita

Ana Schmidt: Tentar puxar da memória aqui todas as questões nessa altura do campeonato. Bom, eu acho que cabe também uma introduçãozinha que tem a ver com a gestão da Prefeitura na época que esses trabalhos foram feitos. Acho que o projeto deve ter sido em 96, mais ou menos nessa época. E se tava, eu não lembro agora, se tava no finalzinho do governo Patrus ou no início do governo Célio de Castro. É, de qualquer jeito eu acho que o governo do Patrus ele é um marco assim, divisório em termos da política habitacional. Primeiro porque tentou trabalhar efetivamente com habitação, novas habitações, né. Teve uma ação na área de risco, que tirou muitas pessoas da

área de risco, [inaudível] num alojamento. E depois muitas famílias foram pra esses alojamentos pra fazer uma política preventiva também. Depois mais ou menos no meio do governo começou a trabalhar a questão da habitação. Então assim, isso foi um problema no início, porque as pessoas das famílias ficaram muito tempo é, nesses abrigos e tal. Mas, é, e a outra questão que eu acho que marcou também era trabalhar pequenos conjuntos dentro da cidade, do tecido urbano, em áreas já urbanizadas. Então, esse conjunto que é o Villarégia, é, é no Barreiro, no bairro Pongelupe, que é originado de uma família, de uma fazenda, da família Pongelupe. E ele tem em torno de uns cinco mil metros, acho que depois tem que olhar direito esses dados em termos de terreno. **[Fase de mobilização]** Nesse projeto a Prefeitura já tinha assim a associação que seria a coordenadora assim do... porque eles tinham um papel e a associação era ASCA, Associação dos Sem Casa do Bairro Betânia e Regiões. E ela tinha um papel de fazer as inscrições das famílias, eles já tinham uma mobilização junto às famílias, né. Assim tinham os grupos dos sem casa que se reuniam e faziam uma série de discussões e atividades e tal.

E aí a ASCA acompanhou a elaboração do projeto. De início a URBEL queria que a gente fizesse o máximo de unidades nesse terreno, e o máximo que eles pediram era mais de 100, 150, cento e [inaudível]. E isso só caberia assim fazendo uma coisa verticalizada ou mais ou menos. Em dois pavimentos, trabalhar uma coisa mais compacta e tal. E a gente apresentou esse estudo e aí as famílias que, na verdade a gente tinha uma representação dessas famílias. Porque ainda não tinha todas as famílias. Então a associação junto com algumas pessoas desse grupo da ASCA, é, eles acompanharam, né, a execução do projeto. Aí eles deram bomba, não queremos coisa verticalizada e tal, a gente quer um esquema de casinha, com um pequeno terreno, que desse pelo menos pra fazer um canteirinho e ter, sei lá, criar a sua galinha e ter uma coisa um pouco mais horizontal e trabalhar esse conjunto mais horizontal mesmo, com esse terreno individualizado. Então foi aí que a gente trabalhou esse, essa proposta. **[Habitação]** E tem também uma questão, é que quando a gente participou dessa licitação a gente já fez um conceito de, proposta de habitação, com um pouco de uma... avançando um pouco nessa racionalidade do processo. Em cima disso, a gente entrou em contato com a Leta que tinha tido aquela experiência em Ipatinga, fazendo um trabalho, fazendo várias casas, várias, um conjunto grande lá, com esquema de mutirão, usando o tijolo da Valemix, que é o tijolo produzido com escória de alto forno da Usiminas, né. E teve um acompanhamento do pessoal da Universidade de Viçosa, fazendo alguns testes, acompanhando todo o processo e chegaram num sistema, né, de blocos que se tinha uma família de blocos que a gente fazia uma construção, que propunha uma construção mais limpa com menos problema de ficar quebrando tijolo. Fazer uma coisa mais modulada, com uma paginação usando a família de blocos, trabalhar as prumadas de água e de, a parte elétrica também, de forma a subir a construção com essas instalações já sendo feitas, pra não ter quebradeira de parede pra embutir fiação, embutir eletroduto, nem cano, nem nada disso. Então, é, a gente propôs isso na licitação, a gente ganhou a licitação. Então o trabalho ia ser feito, trabalhar com essa, esse sistema construtivo. Então a gente depois fez então assim essa proposta de sobradinhos, que são casas geminadas em linha com uma sobreposição. Isso aí acho que já viram na planta aí, né? Existe uma sobreposição, um entrelaçamento entre, nos quartos, no terceiro quarto vamos dizer assim. Então são dois andares, esse sobrado, então essa, esse entrelaçamento, tanto que na planta a gente mostra, é, essas tipologias que na planta vira uma tipologia sem esse entrelaçamento, né. É, então, é, outra questão que foi colocada é que seria interessante fazer um espaço de convívio nessa área. Então a gente fez um espaço pra fazer evento, reunião, é, que é esse, que a gente chama de Centro Comunitário, com

uma área envolta pra também ter um espaço de lazer, de, de encontro das pessoas. A gente não preocupou com a questão do carro. Não existia a exigência de espaço de garagem, então isso eu acho que foi um problema, mas pra atender a demanda de se colocar um [inaudível] número de unidades essa foi a solução e a gente pôs uma faixa aqui na esquina, né, onde poderia ter algumas vagas pra carro. Então no restante é que realmente não teria esse acesso. Essa área faz limite com uma área da Copasa, que é uma área de preservação, então é na rua, essa rua Tubarão e a outra é Augusto Muniz. E aí essa, tanto a lateral parece que é uma passagem que vem fazendo uma divisão entre esses lotes e essa área da Copasa, que é uma área de preservação. Então assim, aqui tá a plantinha, né, com essa questão do quarto embaixo em uma das unidades, pra um quarto no térreo, tentando atender uma pessoa mais idosa ou com problema de locomoção. E aí o banheiro e a cozinha também embaixo. No outro pavimento, aqui não tem o quarto embaixo, tem os três quartos em cima. E depois a outra tem os outros dois quartos no segundo andar. Então foi uma planta até bem interessante no ponto de vista de poder flexibilizar um pouco esse atendimento na hora que tem essa possibilidade de um quarto no térreo.

O terreno não era tão difícil, mas ele gerou um pouco de movimentação. Então acabou que assim as... aqui é uma fachadinha, e a gente trabalhou, aqui dá pra ver, o, é, ah não foi esse não, tava já confundindo com o outro, esse tem iluminação direta em todos os cômodos. Aqui só uma visão, tem pouco material sobre a obra, então a gente usou, e na verdade acabou pegando algumas fotos também, a gente usou esses dois tons de tijolo, né, que já fazia na hora de fazer o tijolo, já punha esse pigmento. Então tinha esse tijolo mais amarelado e tinha esse tijolinho mais vermelho. Ah, e essa, esse conjunto eles conseguiram recurso pra fazer 46 unidades na primeira etapa, no total são 80, e a outra etapa a gente não acompanhou. A outra etapa foi acompanhada pelo, não sei se cês conhecem, o Armando Vignoli. Ele trabalhou em Contagem na área de habitação, depois ele participou de alguns projetos e algumas obras também de autogestão e, na segunda etapa o restante das unidades, ele que acompanhou pra fazer as outras. [inaudível] unidades. Então, aqui mostra um pouco, né, uma visão mais geral desse trecho que a gente fez.

Bom, a autogestão, é...Era uma experiência nova. Nesse período a gente, isso foi uma conquista, né, do movimento sem casa, e aí, depois de fazer o projeto, levou um tempo, aí foi feito a parte do orçamento todo detalhado e tal. E a gente teve que refazer depois o orçamento porque o orçamento tinha sido feito dentro da Prefeitura, numa perspectiva de contratação de obra, igual se fazia anteriormente. Quando foi decidido que seria feito no regime de autogestão, é, teve que fazer de novo um cronograma diferente, uma, uma planilha diferente, fazendo outras apropriações, né. Porque a gente tinha, é, a parte que era feita durante a semana eram contratados, era feita uma contratação de mão de obra e no fim de semana tinha alguns trabalhos em mutirão. Principalmente essa parte de, de fazer, bater laje, montar kit pra [inaudível] a parte de estrutura. Enfim, é, então isso foi uma coisa que teve que, no início, né. Aí quando a associação, porque a gente fez o projeto e a associação depois discutindo com a URBEL escolheu a gente pra acompanhar a obra. Nesse período a gente tava acompanhando duas obras, era o Villarégia e um conjunto, é, da ASCA no bairro Havaí, que era o projeto do Sérgio Palhares. É, eram quatro unidades juntas com uma defasagem de desnível assim na implantação. E também assim, agrupadas, né, quatro aqui. E o sistema foi o mesmo, sistema com o tijolo da Valemix.

Roberto: Esse do Serginho também é?

Ana Schmidt: É. [pausa] Aí tem, é, depois eu vou mostrar um pouquinho essa questão de custo aqui, mas, é, esse, então, isso, acho que a grande chave desse projeto, né, é que, assim, o envolvimento da comunidade, da associação e do pessoal dos sem casa. E aí já nesse momento, já tinham as famílias definidas e tal, foi quando a gente entrou pra fazer, ajudar nessa assessoria técnica, pra associação. Porque o dinheiro era repassado, o dinheiro do fundo conseguiu conquistar pelo OP, tanto que eles conquistaram um volume de dinheiro que só deu pra construir essas 40 e poucas casas. **[Fase de Obra]** E aí, é, era o recurso do OP, e aí esse recurso era passado pra associação que fazia todo o pagamento de mão de obra, de material e tal. Então a gente treinou o pessoal pra fazer compra, então a gente aproveitou... ah, tinha essa questão, desse compromisso também de utilizar a mão de obra disponível dentro dos mutirantes. Então a gente teve pessoas que foram treinadas pra fazer essas compras, pra pesquisar preço e tal, pra negociar essas compras dos materiais. É, depois, assim, foi contratado um mestre de obras e também foi contratado uma pessoa que era da nossa equipe que a princípio acho que foi o Alfio e depois a Prefeitura, é, que a URBEL questionou o fato dele não ter CREA, porque na época ele tava vindo da Itália. Ele até tinha feito uma pesquisa num escritório lá sobre a questão de, de habitação e tal e depois ele fechou o curso e voltou pra cá. E aí quando ele voltou que a gente contratou pra poder fazer esse acompanhamento. Então ele ficava nos dois, ficou primeiro na ASCA e depois aqui. Eu sei que, é, é, essa questão não tô assim [pausa] um tempo acho que ficou ele e depois veio uma engenheira, que aí teve esse, essa questão do, aliás [pausa] Desculpa. Nesse conjunto aqui a Leta é que começou e o Alfio tava na ASCA porque eles eram simultâneos. Então no Villarégia foi a Leta que começou e depois ela teve que, antes de terminar, ela teve que sair por outros problemas e aí ali veio uma outra pessoa pra acompanhar. Bom, depois eu vou lembrando mais alguma coisa. Aqui já é uma foto desse trecho já pronto e aqui um tapume já separando o restante da obra que já tava em andamento também. Então, essa foto já tirou com algumas famílias que já tavam morando e o resto da obra já tinha começado também. Esse aqui, não sei se tem interesse, mas esse é o residencial ASCA, também em parceria com a mesma associação, né, que foi um projeto feito próximo da Rua Tubarão e Residencial Villarégia.

Roberto: Esse outro conjunto também é de Urucuia?

Ana Schmidt: É. Os dois a gente chama de Urucuia, porque o bairro é Urucuia, Pongelupe e tal. Mas acho que esse aqui ele é.. O que ficou já, porque nessa planta.. eu vou olhar direitinho qual que era que a gente chamava de Urucuia. Acho que o primeiro a gente chamava de Pongelupe e esse aqui a gente chamava de Urucuia, era isso aí. E esse conjunto assim, eles já desapropriaram vários trechos desses quarteirões, desse quarteirão inteiro, depois um pedaço do quarteirão do meio e mais outro praticamente todo quarteirão de cima. **[Habitação]** Então é uma situação até interessante porque.. é.. já tinha umas áreas verdes, contíguas e tal, umas vias de pedestre previstas no parcelamento.. é.. e nisso a gente trabalhou duas unidades, duas tipologias: umas que era essa em "L" e a outra era essa em linha geminada em linha então essa azul é uma tipologia também, as duas em dois pavimentos, sobradinho. São 202 unidades e esse foi um desafio enorme porque de 30 e poucas ou quarenta e poucas, depois vou ver direitinho, do Villarégia, aqui uma plantinha, esse já tinha uma questão mais de ser bem estreito pra poder caber naquela implantação. A gente também foi condicionado pelo muro de arrimo que já existia porque já tinha sido feito uma movimentação de terra nessas partes então já tinha um muro de arrimo nas parte de cima da rua de cima tinha um

desnível, já tinha um muro de arrimo aqui, depois aqui, então essa movimentação de terra já foi condicionada por esse muro de arrimo. E aí tem essa escada e depois os dois quartos e o banheiro nesse caso ficou central, e a gente fez ele com o pé-direito um pouco mais alto e com uma cobertura mais alta para trabalhar a iluminação dele lá em cima. E as escadas é que tinha... encostava numa divisa entre um modelo e outro.

E esse é um modelo em "L" que a gente fez acessando por umas vias de pedestres que ligavam uma rua na outra, né então tem no primeiro pavimento uma sala, um espaço de estudo, a cozinha e com escada... Em cima o banheiro, dois quartos pequenos. Era possível também crescer e fazer um outro quarto, mas isso tinha essa flexibilidade, o outro já era uma coisa mais amarrada. Essa é a cara dessa tipologia 2 e aí também umas fotos mostrando umas etapas de obra que já tinha, tava fazendo né a esquerda, as cintas da fundação. Depois à direita uma fase mais adiantada que vai fazendo as escadinhas, os taludes, gramados... Aqui à direita, acho que os dois mostram a tipologia 2 que são acessadas pela via de pedestre. Aqui também essa também mostra a tipologia desse... Esse lugar ele tinha uma certa dificuldade pra fotografar assim; mas aqui já tinha uma parte pronta na foto da esquerda, então teve também uma série de drenagem, canaleta junto com a escada e tal pra resolver questões aí desses desníveis entre uma implantação e outra. Aqui à esquerda a tipologia 2 e um pouco mais de longe vendo a implantação da cobertura e à direita mostrava era um pouco o bloco maior que foi feito pra fazer uma escada também já pré-moldada assim sabe, fazendo um degrau inteiro com esse bloco.

[Fase de Obra]

Esse conjunto ele teve uma coisa interessante no início que foi o seguinte: a Sical entrou em contato com a URBEL e a fábrica dela era perto desse conjunto, então ela tava com muito interesse em fornecer o material pra fazer o conjunto, então ficou assim, deu uma pressionada, uma direção pra URBEL pra poder fazer a gente analisar a possibilidade de fazer com Sical e a gente decidir junto com o pessoal da associação pra fazer dois protótipos e aí foi a solução que a gente fez pra ter rapidez, com tudo anotado. Então era pra fazer de duas em duas casas porque com elas são né, é, paredes encostadas, a gente fez duas casas com tijolo Sical e duas com Valemix e tudo foi apropriado com custo, tempo, dia a dia tinha as anotações todas pra ver o andamento e a rapidez de cada um dos sistemas e tinha um problema né, o Sical tinha uma parede fina de 8cm e tinha que rasgar pra colocar tubulação, eletroduto, fazer as instalações, enfim. E o Valemix tinha um sistema um pouco mais adequado do ponto de vista das prumadas, de subir as prumadas à medida que vai subindo a parede. Aí a diferença de tempo acho foi pequena sabe, acho que a Sical terminou um pouco mais cedo...Eu sei que o troço meio empacou assim nessa questão. Aí numa assembleia o custo do Sical eles fizeram muito mais baixo do que eles cobram porque o Sical é caro né, e eles tinham feito um valor competitivo, então acabou dando uma diferença pequena também em termos de valor por metro quadrado. Aí ficou de decidir na assembleia e na votação muita gente tava meio tendendo a escolher a Sical porque eles queriam a casa com reboco, com pintura e não sei o que, meio que mais parecido com o sistema convencional e o tijolo da Valemix fazia uma cobertura de um hidrofugante do lado de fora e dentro ficava a vista né porque tinha todo aquele sistema de visada, implantar os tijolos e tal e isso também foi um certo problema. Teve que trazer um pouco da mão-de-obra de Ipatinga pra ajudar a fazer uma escola de gente pra trabalhar com isso, porque as pessoas ali tinham uma resistência muito grande, elas tão acostumadas com pá de

cimento lá e colocar o cimento com bloco de tijolo em cima e tinha que fazer aquilo meio que recheio de bolo, uma bisnaga e economizando material inclusive porque a obra é muito mais organizada e mais limpa, menos desperdício e isso tudo era uma coisa positiva e tal. Mas acabou que o Valemix ganhou por poucos votos e foi o sistema que a gente utilizou. Então isso foi um processo interessante de comparar duas formas né de fazer o mesmo projeto...

Aqui também uma via mais no fundo, uma via que a gente deixou como uma via de serviço. Tudo mudou né gente, claro, as apropriações foram de diversas formas. Aqui é uma vista geral assim entre as árvores que a gente não tinha pontos altos pra poder fazer uma foto do coletivo, sabe? Tava mais difícil. Esse é o conjunto Havaí que é o projeto do Sérgio, que são 4 unidades. Esse tem uma característica interessante também do ponto de vista das etapas porque na verdade o valor que o pessoal conquistou daria pra fazer... Ele tinha um quarto embaixo, um banheiro e tal... Daria pra fazer só o primeiro pavimento, com o dinheiro disponível. Mas a gente nessa ginástica de refazer planilha, Leta espreme daqui espreme dali a gente conseguiu fazer tirando porta de quarto, uma série de acabamentos que estavam previstos... A gente conseguiu deixar o piso mais grosso pra depois fazer a cerâmica que eles queriam colocar na cozinha banheiro, então ficou só porta de banheiro, porta externa, janela e conseguimos fazer o segundo andar que é muito mais legal e fácil pra eles completarem a casa. Era fazer a escada e o segundo andar porque nem a escada tava prevista nessa etapa inicial, era só o primeiro pavimento então espreme daqui dali a gente conseguiu fazer o segundo pavimento. Acho que deu uma certa diferença, mas enfim...

Roberto: E esse são quantas unidades?

[Habitação]

Ana Schmidt: Eu tenho que olhar Ró, porque não to lembrando de cabeça... Eu acho que a gente tem aqui nos textos depois tem um resuminho do custo, e de valor por unidade, valor por metro quadrado. Eu até peguei e transformei porque tudo naquela época né, 97, 98 por aí 99.. Então é, a gente transformou ele em dólar e também tem inflação né, então deve dar uns 45% ou 50% de lá até hoje, então o Conjunto Havaí teve essa questão. Esse aqui foi o primeiro conjunto que na época do Patrus a gente fez que na verdade era pra ser o tijolito da Andrade Gutierrez né [inaudível], mas por que? Porque acho que a AG tinha uma dívida com a Prefeitura e ela fez um projeto pra essa área e faz a urbanização. Então pra pagar uma troca de cebola lá do coisa, então pra pagar essa dívida ela tava se propondo a fazer o conjunto e toda a urbanização. Só que depois olhando o custo que ia ficar a unidade com o sistema do tijolito meio que inviabilizou e a empresa que eles contrataram pra fazer toda a parte geométrica e tal, uma empresa de engenharia me chamou pra fazer o projeto urbanístico e da arquitetura, então esse foi o primeiro conjunto.

Giselle: Ele foi autogestão também Ana?

Ana Schmidt: Não. Esse não foi autogestão porque depois a própria AG acho que subcontratou uma empresa que fez as casinhas.

Giselle: Ah tá, entendi. Mas tava lá na gestão...

Ana Schmidt: E era ao lado da Vila Cemig esse né. então assim na época era o Patrício que tava lá na URBEL, a gente discutiu muito com ele essas coisas e assim a gente fez uma proposta que acabou que avaliando hoje eu não faria. Porque a gente fez o banheiro no segundo andar deixamos a escada pronta e em cima já o peitoril né, que ficou um terraço e aí tinha duas portas nesse volume central que já saíam pros dois quartos que era só subir parede, pôr janela e cobrir. Ficavam dois quartos já prontos já com porta e tudo e o banheiro em cima. Só que, na verdade assim, o público que depois eles escolheram pra ir pra lá era o pessoal do lixão ali da Raja Gabaglia do lado do Aglomerado da Serra, e tal, tinha um antigo lixão e o pessoal tinha ocupado aquela área então eles tiraram as pessoas de lá pra poder trazer pra cá, e aí a forma também assim, a planta que a gente imaginou, não teve pós morar e aí a coisa complicou demais. Claro que assim, alguns fizeram do jeito que estava sendo imaginado, outros fizeram barraquinho no terraço, tipo assim, meio favelizando né. Aqui mostra o terraço né, já tinha as duas portas, tudo nos quartos então era prolongar esse telhado e fazer alvenaria, era uma coisa simplérrima, mas não deu certo. O crescimento.. Acho que eu não vi, assim... Eu vi um pouco depois as transformações e tudo, o próprio Sérgio fez um trabalho que...

Roberto: Nesta época, nós fizemos mestrado na mesma turma. Ele era orientando dela também...

Ana Schmidt: É. Ele me procurou pra gente conversar e aí ele fez...

Roberto: Eu queria anotar, esse negócio também que esse trabalho ta aí no dia 8.

Giselle: Ah, que ótimo.

Ana Schmidt: Ah, a gente consegue. Muito mais tranquilo, a gente tem uma relação muito boa. Aí tem umas fotos mais... Aqui já tem a esquerda, né? Uma alvenaria já sendo feita pra subir o segundo andar, uma vista geral aqui embaixo no processo de construção... Acabou. Aí vou diminuir aqui... e o outro você já abriu?

Giselle: Não. é Juliana né?

Ana Schmidt: Não. É texto.

Giselle: Ah ta.

[Dados gerais]

Ana Schmidt: Esse aqui é porque... Não sei porque que ficou esse troço separado. Então aqui, esse aqui é um pouco o que a gente fez, praticamente, nesses processos de visitação da URBEL e a gente... O esperança é aquele perto do Vila Cemig, são 436 unidades. É, também a gente tinha um sistema viário mais enxuto, não tem a planta aqui, depois se vocês quiserem posso até arranjar, mas esse não é autogestão. E aí criou uma série de vias de pedestres e tal. Então assim, conseguiu colocar muitas famílias, que era o que a prefeitura queria, mas num esquema meio complicado, porque o acesso, assim, às vezes com essas vielas de pedestre tinha uns 50.. uns 70 metros de vias e isso dava um pouco de problema de acesso. Tipo, depois a gente entendeu que com a topografia

também, acabou que teve lugar que ficou muito estreito... Enfim, então tem umas críticas mesmo à forma de apropriação. Depois o Goiânia foi, no bairro Goiânia 44 unidades, o Villarégia são 80 e agora eu só to na dúvida que acho que na primeira etapa foram 36 e não 46. Tá? Então esses dois que estão em laranja que é o residencial ASCA e o Villaregia são, todos esses são projetos que a gente fez e esses dois que foram no sistema de autogestão. Conjunto de Lagoa também foi um negócio super rápido pra fazer. A gente até tinha um recurso que a prefeitura tinha conseguido e aí eles pediram pra fazer um projeto rapidíssimo, e depois a construção foi também super rápida e a gente aproveitou o modelo do conjunto ASCA no conjunto Lagoa. Mitigação, já era unidades verticas.

É, o Villarégia foram 30 unidades. Foi de 96 à 97 e a segunda etapa, 50 unidades foi a Impacto que é o Armando Vinholi. É... o conjunto Havaí foi também 96 à 98, são 36 unidades numa quadra inteira, praticamente inteira. Era um pedaço de quadra, bem grandinho, dava pra 3 ruas assim... Então, tinha um esquema de implantação interessante, que é o projeto do Sérgio. E o residencial ASCA começou em 98 e foi até 99, a gente até adiantou o ASCA. Bom, aí essas duas associações né que a gente trabalhou... Não sei como é que foi o processo de participação, porque é o projeto do Sérgio, o da ASCA é o que eu falei. É, também o Villarégia que é aquele de 3 quadras teve o acompanhamento da associação na fase de projeto. Agora, é, e uma representação dos futuros moradores, porque eles ainda não tinham - em função de custo, uma série de coisas - a seleção das famílias. Então essa discussão toda depois acontecia no próprio canteiro de obras, porque a assessoria técnica que a gente dava, era não só no sentido de ajudar a organizar o processo construtivo e a organizar as frentes de trabalho durante a semana e mais o esquema de mutirão no fim de semana, mas tinha também o acompanhamento social que ajudava a cuidar dos meninos que iam pra obra no fim de semana com as mães, com os pais, fazer atividades com eles. Organizar a parte da cozinha, né, porque tinha que fazer a alimentação durante o mutirão pra poder o pessoal almoçar né? Enfim, lanche e tal. Então tinha toda uma produção pra coisa acontecer que o social dava todo esse suporte.

O papel da URBEL nessa questão da autogestão é na contratação dos projetos, depois a URBEL fazia a fiscalização e fazia repasse dos recursos. A Associação tinha a função de cadastrar as famílias, administrar a obra e contratar a assessoria técnica. A assessoria técnica fazia esse planejamento, então aquilo tudo que a gente falou aqui né, refazer planilha, e fazer cronogramas e tal, e ficar atualizando o cronograma porque tinha hora que demorava a sair o recurso, né, organizar o mutirão, contratar grupos, frentes de trabalho e trabalhar junto a esse cronograma. Aliás, e além disso né, o acompanhamento técnico tá orientando a gestão da obra, tinha também a questão da contabilidade, aí a gente organizava os dados e [inaudível] uma pessoa que saiba contabilidade, porque isso era importante né, para apresentar pra URBEL em todos os momentos das etapas. E aí organizar os mutirões, como eu falei, apoio no trabalho social e formação de mão de obra. Em vários, acho que no ASCA e no Villarégia, a gente teve cursos né, junto com o pessoal, acho que do CEFET, foi fazer formação de mão de obra do pessoal. Então muitos aprenderam a trabalhar em parte elétrica, parte hidráulica, etc. Algumas mulheres conseguiram também se capacitar como pedreira né. Tinha várias gostando de fazer o trabalho, na obra é muito legal.

Aqui, Conjunto Havaí foram 36 unidades de dois pavimentos agrupadas em quatro unidades, como eu falei. O custo foi esse, 278 mil, o custo da unidade tava em 7.900,00, isso só a parte da construção. O metro quadrado na época era R\$140, significava 126 dólares, o metro quadrado.

Agora pra atualizar isso, é tem que multiplicar por 50% aí, pra atualizar o dólar, mais ou menos, que eu vi, entre 2018 e 97 tava dando 45%, mais ou menos, [inaudível] 2019 então, se arredondar pra 50 acho que já fica uma aproximação melhor. A previsão, esse demorou um pouco mais, a previsão era de 13 meses para essa primeira etapa que era de um pavimento, e foi iniciado em 97, terminou, acho que foi um pouco antes de 97, e terminou em 19 meses, acho que ultrapassou 98. Por conta de ter acrescentado o 2º pavimento, teve um problema de uma trinca lá que o pessoal quis monitorar, aí ficaram duas casas paradas pra poder monitorar o andamento da trinca, e fizeram só um reforço de fundação, e aí resolveu o assunto. Então ele demorou esses 19 meses. Gente, agora apareceu 23 unidades, depois tem que olhar esse trem direito.

Giselle: Tem problema não.

Ana Schmidt: É, então Villarégia são dois pavimentos, agrupados em tiras e tal, com aquela superposição. O custo ficou em 182 mil, também unidade tava prevista pra 7.900,00, deu 7.117, 7 mil dólares né e 117, o metro quadrado também ficou mais ou menos o mesmo do ASCA que dava 126,13, e o valor da assessoria foi de 9,5% o valor da obra. Que é um valor super enxuto, porque tinha uns 3 técnicos trabalhando mais o pessoal da... da...

Roberto: Isso era até o que eu queria perguntar, como é que é, de modo geral, a formação dessa equipe.

Ana Schmidt: Isso, a equipe tinha o pessoal da área social, acho que eram dois técnicos, e depois tinha, no acompanhamento da obra, o Alfio entrou, mas ele entrou como, sem ser como arquiteto, entrou como um técnico, e a Leta como arquiteta acompanhando a obra e eu fiz a coordenação disso. Então a equipe era essa, era super enxuta. A previsão era nove meses e tal, e realizou em mais ou menos um ano. As 202 unidades do residencial ASCA, essas duas tipologias né, que a gente mostrou ali, o valor é 1.875.732,00, a unidade também estava prevista esse valor de 7.900,00, o metro quadrado deu em média 160 reais, que dava 136,75 dólares. A previsão era 18 meses e a gente conseguiu realizar em 16. Conquistados pelo OP, tinha dinheiro do Fundo e dinheiro da Caixa. Esse conjunto teve um prêmio do IAB, de, como é que chama, gentileza urbana, pela proposta de trabalhar a autogestão e o envolvimento das famílias e como que foi feito. A Caixa também, assim, ficou surpresa positivamente no processo todo, porque eles não tavam acreditando muito nessa história. E foi acho que apresentado no HABITAT na Turquia.

Roberto: Isso aí era uma pergunta que a gente ia fazer.

Giselle: É, das publicações, divulgações.

Ana Schmidt: Pois é, só que eu não fui, o pessoal, acho que a Antônia foi. Vocês já conversaram com a Antônia?

Giselle: Já.

Roberto: Não.

Giselle: Antonia qual? De Pádua? Sim, Antônia.

Roberto: Ah, tava confundindo.

Giselle: Antônia do Villarégia. Liderança, né?

Ana Schmidt: É, a liderança. Ela e o Guilherme

Giselle: Sim, sim.

Roberto: Teve lá na casa deles.

Giselle: É, eles são ótimos.

Ana Schmidt: É. Ela é muito boa, muito bacana. O Guilherme eu já conhecia, a gente tinha muito contato com o pessoal ali da Serra da Piedade, e ele começou a [inaudível] com o [inaudível], que trabalhava com a Adriana, e ele foi seminarista depois ele desistiu do seminário e eles casaram.

Agora, isso aqui é um pouco assim, uma síntese, do que a gente considerou como vantagem né, no processo, redução de custo, produzir uma unidade maior que deu conta de fazer mais metros quadrados que tava previsto. Porque a decisão se fosse no esquema de empreiteira isso não teria acontecido. O desenvolvimento do espírito solidário e cooperativo entre os mutirantes é uma coisa legal, né, apesar de ter muita gente que vem de vários lugares diferentes da cidade, então quebra um pouco essa relação de vizinhança né, na hora que você atende, faz famílias de vários lugares. Então esse processo ajuda um pouco as pessoas se conhecerem, de quebrar um pouco essa coisa. Geração de renda, muitos mutirantes foram contratados no processo de construção. Formação de mão de obra, né, porque a própria obra ajudou o pessoal a aprender a fazer né, ao mesmo tempo que fazia treinamento, tinha alguns cursos também pro pessoal montar os kits de hidráulica, elétrica e tal. E a própria organização deles, né, de tomar decisão e ter um conhecimento de causa mesmo. Então um crescimento mesmo em função, né, de criar liderança, enfim.

[Fase pós-ocupação]

O que a gente identificou como problema, isso tem a ver um pouco com o que aconteceu depois da obra entregue e tal. A gente viu que não tinha como ter um envolvimento da família inteira nesse caso, então normalmente o pessoal punha como inscrito no movimento as senhoras, e pessoal mais velho e tal, e às vezes famílias mais novas, mas tinham muitas senhoras inscritas. Aí a gente via, assim, que elas participavam, ou alguns também vinham pra ajudar, às vezes o marido, e tal. Mas envolvia uma ou duas pessoas da unidade familiar. A questão dos trabalhos nos fins de semana ajuda a baixar custo mas é uma coisa sofrida também, é uma batalha, porque é duro né, você poder baixar custos em cima desse esforço e tal. O lance de contratação deles mesmos durante a semana ajuda um pouco porque tinha gente desempregada, e isso foi uma coisa boa. A questão dos atrasos às vezes nos repasses, é de que às vezes a obra ficava parada porque não chegava o dinheiro. Depois, a questão da ausência do trabalho social no pós-morar foi meio complicado, porque a URBEL é que... A equipe social é que foi vendo o que acontecia em função de demanda individual

que tinha lá, né. Aí, aconteceu também coisas, assim, por exemplo, chega na casa lá da Dona Maria que participou, aí chega a filha com o genro, pra morar junto, com a mãe e tal, num sei o quê. Aí aparece o genro criar defeito no processo da casa, “ah porque a janela num sei o quê, porque tá vazando água, porque tá pingando, tá umedecendo a parede, porque num sei o quê”. Assim, coisas simples de vedar uma frestinha que ficou, um tijolo entre a janela e o peitoril, enfim. Então coisas desse tipo a gente teve, chamaram a gente uma duas vezes pra fazer vistoria, a Leta foi também, pra ver quais eram os problemas que tavam acontecendo, então os problemas eram desse nível. E aí, essa coisa fica muito chata né, porque. **[Fase de Obra]** Agora, teve uma avaliação da URBEL, que eu não sei se ela contratou a Escola de Engenharia, me parece, que detectou no tijolo, porque o quê que aconteceu... o Villarégia ele recebeu um verniz, um impermeabilizante, um verniz e tal e ficou com aquela aparência do tijolo a vista né. O ASCA, eles quiseram cobrir o tijolo, então essa coisa que tava pensada lá atrás, querendo ver esse tijolo a vista, né, então a gente usou uma textura, então fizemos testes lá e eles escolheram a questão da textura pra fazer essa impermeabilização externa. Mas.. aí deu problema, aí depois, acho que, não sei o que, o próprio produto que foi aplicado depois o fabricante foi lá e forneceu de novo o material pra ser feito de novo, e tal, num sei o quê, isso resolveu. Mas aí ficou assim, mesmo em lugares que dava uma certa umidade, eles tavam falando que tava esfarelado o tijolo, entendeu. Aí nisso a URBEL acho que fez uma pesquisa, ou contratou acho que a universidade, a UFMG, a engenharia ...

Roberto: Isso por causa dos Valemix?

Ana Schmidt: É. Que aí, identificou, a conclusão deles, era que tinha uma reação que acontecia, e que o tijolo.. Eu acho que batia, num teve nada disso...

Roberto: Não.

Ana Schmidt: E aí que teve essa coisa e tal. A gente, tinha todos os laudos né, do pessoal de Viçosa, que tinha acompanhado a execução, que fez o teste de resistência, teste de condutibilidade de calor, e tudo, e acústica... Todos os testes, além disso [inaudível] os componentes né, do material usado pra fazer o tijolo. Então assim, foi uma coisa meio, depois, meio varreu sabe, do sistema lá, como opção de trabalhar e mesmo porque também acho que a fábrica quebrou...

Roberto: O prédio da PUC, da arquitetura era pra ter sido dele. Mas chegou um momento que ele foi detalhado pra isso inclusive, mas eles não quiseram [inaudível]. Não quiseram assim, isso é um [inaudível] né. E acabou que de fato eles desistiram de produzir. Eu gostava muito porque ele era versátil demais pra fazer o emparelhamento.

Ana Schmidt: É, muito interessante.

Roberto: Deixa eu te perguntar uma coisa, já que eu interrompi. Como é que você compararia o resultado, assim, técnico-construtivo, vamos falar, daqueles que foram feitos em mutirão dos que foram feitos por contrato de empresas. Você viu diferença no padrão de acabamento?

Ana Schmidt: Bom, eu conheci poucos casos desses feitos pelas empreiteiras. Mas assim, por exemplo, o Esperança...

Roberto: É, no Esperança mesmo que...

Ana Schmidt: É, o Esperança, ele... o pessoal reclamou que a gente fez uma janela avançada [risos] com um [inaudível], aqueles triângulos, acabaram fazendo um pré-moldado daquilo, mas sabe, quando sai do caixotão, do convencional, o pessoal fica achando ruim. Mas...

Roberto: Mas quem achou ruim foi quem construiu, e não quem morou.

Ana Schmidt: É. Não, o pessoal gostou. A empreiteira que acabou criando problema e tal. Mas acabou fazendo aquele pré-moldado e aí deu certo lá, fizeram esse pré-moldado na hora. Agora o acabamento ele é meio fraquinho assim. A gente entende que nessa questão da autogestão você tem um controle um pouco mais de perto e se consegue fazer com que a coisa aconteça com melhor qualidade.

Roberto: Me chamou atenção isso nos slides, né.

Giselle: Na foto do Esperança em comparação com os demais né.

Ana Schmidt: É, eu acho também.

[Habitação]

Giselle: A gente tem uma lista aqui né. Você tem o Juliana também né, que é autogestionário, ou não?

Ana Schmidt: Não...

Giselle: Então o Juliana é uma incógnita. Porque ele tá como autogestionário pelos documentos da prefeitura, mas não aparece em lugar nenhum na verdade. Além desse documento que fala que ele tá lá entre os conjuntos da autogestão. Aí a gente não sabe de fato se é ou não.

Ana Schmidt: É, ele era do crédito solidário.[PAUSA] Esse foi pela União Estadual de Moradia Popular e era do crédito solidário. A gente teve um processo participativo, já tinha uma boa parte do pessoal escolhido, mas não era todo mundo também. Terreno em torno de 5 mil metros, é.. Uma parte muito inclinada no fundo, dava pra duas ruas. Foram implantadas 90 unidades. O conjunto foi construído... agora eu to morrendo de vergonha porque não tem uma foto dele pronto. São 36...

Roberto: Esse é aonde na cidade?

Ana Schmidt: Indo pra Cristiano Machado, tem aquele cemitério, um pouco antes do cemitério, tem um motel e tal, aí logo depois desse motel tem uma entrada que tem umas fábricas. Assim, não sei de que que é, se é tecido, sei lá, tem um monte de galpão fabril assim. Aí você entra, sobe e chega nessa rua, que depois vejo o nome dela. Chama Rua Cheflera. Ele foi construído, é... Primeiro fizeram os muros de arrimo. Bom, aqui pelos dados são 36 unidades com 3 quartos e 54 de dois

quartos. Então teve essas duas tipologias entre os blocos. Então de 3 quartos tem quase 50m² e de dois quartos tem quase 40m². 30 vagas. E depois tem uma parte que foi feito um projeto que era um espaço comunitário, salão, e uma área pra creche também, que dava pra outra rua, pra rua lá em baixo. Então tinha um caminho pra chegar de dentro, mas muito inclinado. É, e aí em cima é rua Armando Greco, o acesso é pela Armando Greco. **[Fase de projeto]** Aqui a gente mostra mais um processo de conversa e de discussão com os futuros moradores, na hora que a gente levou pra discutir o que eles queriam. Aí a gente.. como eram 90 unidades que a gente tinha que fazer, a gente fez 90 toquinhos e cada um foi lá pra por o toquinho no terreno e eles chegaram a conclusão que tinha que empilhar, porque não cabia [risos] .

Giselle: Não cabia as casas.

Ana Schmidt: Então esse foi a primeira coisa incontestada, porque realmente a gente tinha que fazer verticalizada.

Roberto: Incontestada.

Ana Schmidt: É, porque a prefeitura já tinha essa proposta de fazer prédio mesmo né. Então a gente teve que discutir com eles e mostrar a impossibilidade de se fazer coisas individualizadas né. Fazer sobradinho, e casa, e tal. Aqui mostra a implantação, com as áreas de estacionamento. E aqui os espaços, que na verdade eles criam uns patamares, uma área arborizada, então ficou um espaço mais pra lazer. E o acesso pela rua de baixo que tinha esse bloco que seria a creche com o salão. É aqui tem uns 3Ds assim , da volumetria, acabou não fazendo esse tijolo a vista, ficou um esquema mais convencional mesmo. Então a planta do apartamento de 3 quartos era essa. Então tem, essa parte sempre nas extremidades, né, você tem esse terceiro quarto e quando é dois quartos tira esse aqui, quer ver... o de dois quartos [mostra o slide]. E uma varandinha que deu pra fazer aqui que deu uma graça também, na solução. Aqui o equipamento comunitário que era lá em baixo, dava pra acessar por cima mas era um caminho meio complicado né, mas dava pra vim por cima.

Roberto: E esse teve participação dos caras durante o projeto né.

Ana Schmidt: Teve.

Giselle: Mas na obra não.

Ana Schmidt: Na obra não. Porque inclusive eles fizeram primeiro uma contratação pra fazer todos os muros de arrimo. Teve que fazer umas implantações em desnível, aí foi uma empresa que fez esses muros de arrimo e depois outra empresa que fez a parte de construção.

Giselle: Sim.

Ana Schmidt: Essa coisa na URBEL é um pouco polêmica né, o povo... acho que foi só isso que eu tinha aqui. [trecho com conversa baixinha]. Eu quero ver se eu consigo fazer essas fotos, depois dele pronto.

Giselle: Ah sim. Até se você quiser voltar a gente vai com você. [risos] A gente se disponibiliza. A gente tá bem curioso pra conhecer.

Ana Schmidt: Seria ótimo.

Giselle: Ah, a gente pode combinar isso.

Roberto: Nesse sábado agora a gente vai no...

Giselle: Santa Rosa II.

Roberto: Santa Rosa. Pode ser, o Marcelo ligou, pode ser que ele vá junto conosco. E assim, tá louco pra fazer uma entrevista itinerante. Assim, no próprio lugar. Acho que seria muito revelador também né.

[Dados gerais]

Giselle: A gente pode fazer umas perguntas, só pra complementar assim?

Ana Schmidt: Pode.

Giselle: Você tá com tempo?

Ana Schmidt: Pode sim.

Giselle: Então tá qualquer coisa...

Ana Schmidt: Quantas horas são?

Giselle: São 3h50. Se você precisar sair também, a gente pode enviar por e-mail, Letícia depois entra em contato também. Mas, aí você fica a vontade, cê me fala. Bom, a gente queria saber assim, no começo vocês tinham... porque o primeiro pelo que eu entendi foi o Villarégia, não é? A primeira atuação do escritório.

Ana Schmidt: É, o primeiro, primeiro mesmo, do autogestão foi o Villarégia.

Giselle: E antes disso então vocês não tinham experiência em autogestão, especificamente?

Ana Schmidt: Não.

Giselle: Entendi.

Ana Schmidt: A Leta deu uma boa, foi uma professora pra nós né, disso. Porque ela já tinha toda uma experiência lá de Ipatinga né.

Roberto: Lá é outro lugar que nós estamos doidos pra ir.

Giselle: A gente tá doido pra ir.

Roberto: Ela num tá aqui agora, mas...

Giselle: A gente vai esperar ela voltar pra gente fazer isso.

Roberto: A gente vai esperar... Só pro meio do ano que vem que lá voltar, mas...

Ana Schmidt: É, vale muito a pena né.

Giselle: Seria muito legal. Então, nesse caso, você falou que tinha um edital da prefeitura. A prefeitura lançou um edital e aí vocês submeteram a ele né, especificamente.

Ana Schmidt: É, era uma licitação. Essa licitação era uma licitação pra projeto, e eles tem conhecimento do tema, então tem uma série de coisas. E fazia também a seleção por currículo né, atestado, eles exigem lá atestado, acerto do CREA, e tal. E aí nessa questão que a gente introduziu essa proposta de trabalhar com o Valemix. Nessa parte de conhecimento do problema a gente trabalhou esse conceito do... Mas a gente ainda não tinha a definição de que seria feito por autogestão.

Giselle: Ah tá, então o edital era só para contratação do projeto

Ana Schmidt: Só pra contratação do projeto.

Giselle: E aí como se deu essa questão da autogestão?

Ana Schmidt: Eu acho que foi uma discussão muito grande com movimento, do pessoal das associações né, do movimento sem casa. E aí, a prefeitura, a URBEL, apostou nisso, tinha recurso do Ministério das Cidades. Nessa época ainda não tinha Ministério das Cidades não. Isso aí aconteceu na época do Lula né. Era o recurso que tinha na Caixa, de projetos que poderiam ser feitos... tem essa questão do crédito solidário e tinha também a política da prefeitura, que eu acho que pesou mais assim sabe, de trabalhar em sistema de autogestão. E outras experiências que já tinham sido feitas em outros lugares no Brasil né. Acho que Ceará, teve experiências, São Paulo também.

Roberto: Própria Leta trabalhou em São Bernardo né..

Ana Schmidt: São Bernardo também.

Roberto: Na verdade a Leta saiu daqui pra fazer o mestrado. Trabalhando com gente lá de Sabatina. E de lá ela já começou a trabalhar com essa experiência, acho que São Bernardo mesmo né.

Ana Schmidt: Pode ser Santo André.

Giselle: Acho que Santo André.

Roberto: De lá ela veio pra Ipatinga. Quando ela veio de Ipatinga de volta eu sei da história de que ela ficou hospedada em um escritório. Eu lembro assim, o Alfio mesmo ia lá muito, a Antônia. A Antônia eu conheço dessa época.

Giselle: É, impressionante.

Roberto: Aí ela começou a [inaudível], ela ficou o tempo todo nas obras.

Giselle: Então na verdade veio a questão da autogestão muito mais do movimento né, de uma demanda do movimento.

Ana Schmidt: É, e eu acho que, assim, tinha solo fértil e interesse público pra isso também né.

Giselle: É, exato, tinha um contexto propício né.

Ana Schmidt: É. A Monica Bedê tava na prefeitura né. A [inaudível] que coordenava uma parte nessa área também.

Roberto: A Giselle mais um coletivo que teve na escola, e mais duas pessoas no programa fizeram um evento super legal que chamava rolezinho

Giselle: Rolezinho da autogestão.

Roberto: E nós tamo querendo fazer mais inclusive. Aí a Monica foi. Nós visitamos esse dia quatro conjuntos, inclusive o Villarégia, o outro que a gente chamou de Urucuia, o Serrano e o Fernão Dias. Que às vezes a gente consegue armar uma dessas, a gente arranja um ônibus... E faz um grupo e percorre, se você topasse seria muito proveitoso. [conversa sobre essa possibilidade de fazer um rolezinho com a Ana].

Giselle: Oh Ana, e nesse caso, vocês, especificamente assessoria, respondiam a quem? À prefeitura no caso?

Ana Schmidt: Também né, porque a gente fazia um relatório, e esse relatório era encaminhado à URBEL. Assim, quem contratava a gente era a associação.

Giselle: Era a associação no caso. Isso que é interessante de entender da autogestão, né. Quem que autogestionava de fato.

Ana Schmidt: É, a associação quem contratava.

Roberto: E a URBEL era a fiscal né?

Ana Schmidt: É, a URBEL era a fiscal. Ela ia na obra sempre, fazia a medição né, a gente ia junto pra fazer essa medição do que tinha sido feito, E depois também a gente fazia todo um relatório de acompanhamento. Que ficava, mandava uma cópia pra associação e uma cópia pra URBEL, junto com essa coisa da medição. Então essa assessoria técnica também tinha esse acompanhamento da URBEL.

Giselle: Uma questão, quais era os critérios pra essa contratação. Você lembra o que foi estipulado lá no edital da licitação.

Ana Schmidt: [inaudível] projeto. E depois a Associação escolheu a gente pra acompanhar.

Giselle: Entendi. Essa escolha eles tinham outras opções, além de vocês assim? Porque teve a contratação prévia né?

Ana Schmidt: Eu não lembro, porque na verdade eles vieram pra conversar pra gente acompanhar. E aí já escolheram, entendeu. E aí a associação que a gente nem conhecia que era o da ASCA também apareceu querendo que a gente acompanhasse. Acho que também o fato da Leta já ter experiência, e ela tava na equipe, né, enfim. Acho que isso contribuiu bastante, né.

Giselle: Sobre a inserção urbana, assim do conjunto né, sobre o terreno em si, a gente até soube pela Antônia como que foi a obtenção do terreno né, a história em si. Mas como vocês avaliam, a localização dele. Você falou dessa questão que precisa estar em uma área já suprida né, de mesoestrutura urbana. Mas como que vocês avaliaram em um primeiro momento aquele terreno, no caso do Villarégia e do Urucuia, principalmente. O que vocês entendem, era um terreno bem inserido, ou não...

Ana Schmidt: Ah, era. Eu entendo que ele era um terreno bastante interessante, assim. Porque é meio no eixo, pessoal da ASCA organizava muito esse pessoal dessa região aí do Barreiro né, do Betânia. Associação dos Sem Casa do Bairro Betânia e Regiões [risos] e regiões de BH. Então tinha essa coisa de ser, acho assim, é um pouco, meio periférico assim do ponto de vista urbano, mas tem uma proximidade com o centro da região, que tem uma diversidade de atendimento, ali do Barreiro. Então assim, ele tem uma organização interessante. Os dois são muito próximos né. E a disponibilidade de terreno em Belo Horizonte já era difícil nessa época. Hoje é meio quase que impossível né, hoje tem uma... poucos terrenos, e esses terrenos assim, tão praquelles lados divisa com Santa Luzia. A gente tá trabalhando com o PRU lá, que o Maria Tereza e o Montes Claros. E é ali na periferia lá né, bem na beirada já, na divisa já com Santa Luzia, naquela região lá das Granjas Werneck. Ali que tem espaço né, de crescimento, e é bem já longe.

Giselle: É, verdade. Sobre as exigências impostas pela prefeitura, em relação ao programa, um pré-dimensionamento né. Porque existia um orçamento, não era? Pré-definido.

Ana Schmidt: Mais ou menos definia assim um valor das unidades. Mas a gente buscou uma proposta justamente para racionalizar esse sistema e ter um custo menor. O fato de economizar na parte de reboco e etc já era abaixar o custo razoavelmente.

Giselle: Mas tinha alguma exigência no que relacionava ao número de cômodos, por exemplo? Quantos quartos deveria ter, ou não, nesse caso.

Ana Schmidt: Tinha, era um pouco assim, a gente fez duas tipologias no residencial ASCA, no Urucuia, mas num tinha essa definição, entendeu.

Roberto: Tinha uma certa liberdade para trabalhar então.

Ana Schmidt: Dois quartos, eram dois quartos. Ela tinha uma área mais ou menos definida, eu lembro que a gente trabalhou essa duas tipologias lá em função de umas áreas com declividade maior e esse "L" conseguia vencer um pouco esse desnível também.

Roberto: Mas não tinha uma imposição quanto a isso também.

Ana Schmidt: Não.

Roberto: A associação resolvia com a assessoria.

Ana Schmidt: É. Mas a URBEL, assim, avaliava também essas sugestões. Eles tavam ainda acho que em uma fase de abertura para propostas, né. Porque agora a coisa é muito diferente. Porque hoje assim, trabalhando nesse PRU, junto lá com a RAS, que é uma empresa que tá fazendo esse trabalho, a gente tem remoção de famílias. Porque PRU é o Plano de Regularização Urbanística para loteamentos irregulares, e esses dois loteamentos foram feitos por cooperativa. Então é uma iniciativa interessante na época, mas o projeto ele não respeita a legislação da época, entendeu. E aí não foi aprovado. Um deles teve uma parte aprovada, que fizeram uns CPs lá e aprovaram uma parte, o Montes Claros. O restante não, o loteamento não é aprovado, aí tem umas invasões, ocupações irregulares e tal. O Maria Tereza já é uma coisa mais concentrada, menor, eles seguiram bastante o projeto. Mas também assim, ocuparam a faixa de segurança da CEMIG, ocuparam área inundável e tal. Então tem que retirar pra regularizar, retirar todas as edificações, e as famílias que estão em áreas que não podem ser regularizadas. São áreas não regularizáveis em função da legislação. E em função de risco também. Aí na hora que a gente fala assim, "olha a gente vai propor sobradinho", não, tem que ser prédio, e o prédio tem dois tipos de modelo, que é um "H" e um "til", e é isso. Então hoje em dia a Sudecap tem que mandar seus modelitos, e a URBEL também trabalha com esse leque muito restrito pra poder escolher.

Giselle: Então vocês tinham muito mais liberdade.

Ana Schmidt: A gente tinha mais liberdade, eu acho que a coisa foi caminhando num sentido de, sei lá, de padronizar sabe, de ter um projeto mais já pronto. E aí fica essa coisa. Então os ensaios que são feitos, porque no PRU a gente não faz o projeto, a gente só testa uma área que vai ser desapropriada pra reassentamento a gente faz o ensaio e faz a implantação pra saber quantas unidades caberiam. Faz os cortes e tal, uma coisa bem assim na escala 1:200. E aí tem que ser meio que o modelo que eles apresentam.

[Fase de projeto]

Giselle: Excelente. E em relação... É porque a gente vai ter dois conjuntos distintos né, dois modelos. Em relação à sequência tradicional do projeto, estudos preliminares, anteprojeto, projeto executivo. No contexto do Villarégia e do ASCA, como que funcionava? E em contrapartida, no contexto do Juliana, que já teve essa abertura né, pros moradores participarem. Como que acontecia? Foi uma sequência tradicional, né, de vocês enquanto assessoria técnica executarem lá no Villarégia e no ASCA dessa maneira, tradicional. E no Juliana o que se inverteu? Ou se não houve modificação também, mesmo com a participação deles.

Ana Schmidt: Na verdade, eu acho que teve um pouco dessa discussão conceitual anteriormente no Juliana. Porque a gente tinha a limitação de terreno né, característica física do terreno, localização, orientação, isso tudo, declividade e tal. Mas do mesmo jeito, a gente tinha um percentual de famílias selecionadas. Uma coisa que não tem muito jeito assim, às vezes seleciona a família, e aí na hora de mandar pra Caixa, de mandar pra aprovar, a família não é aprovada, entendeu. Aí a família participou daquele processo inicial, num sei o que, e de repente ela não pode. Isso é uma coisa muito ruim, muito ruim. Mas assim, nos outros como a URBEL que era a

interlocutora e tinha associação acompanhando o processo era um pouco né... A gente fez 3D, mas fazia todo um estudo preliminar de aproveitamento do terreno, como é que ia ser a metragem e tals, como é que ia ser a casa, fazia uma maquetinha. Então assim, tinha uma coisa mais pro pessoal entender né, a espacialização da solução. E depois aí vinha uma fase de anteprojeto pra poder desenvolver um pouco mais e saber o custo disso, como é que seria.

Roberto: No caso da contratação dos complementares, vamos falar assim, vocês é que escolhiam?

Ana Schmidt: É, porque o projeto era completo né. De arquitetura e complementares.

Roberto: A assessoria contratava esse conjunto.

Ana Schmidt: Não. Eu falo assim, a URBEL quando licitou já licitou aquele pacote. Entendeu? Inclusive o laudo geológico que a gente tinha que contratar um geólogo pra fazer um estudo da área e fazer um parecer a respeito do... se é possível cortar, como faz as questões de contenção, enfim.

Roberto: Aí não tinha entrave, era fácil lidar com isso.

Ana Schmidt: É, era tranquilo assim.

Giselle: Teve alguma coisa que foi alterada no projeto a partir dessa conversa com os moradores? Tanto no Uruçuia... Uruçuia não, ASCA e Villarégia, quanto no Juliana? Alguma coisa que vocês tinham pré-concebido e que a partir dessas conversas com eles acabou sendo alterada?

Ana Schmidt: No ASCA... no Villarégia foi basicamente essa ideia inicial de verticalização que mudou pra um projeto mais de sobrados, então essa que foi a mudança. No mais, assim, acho que não teve assim, muita alteração. Da concepção, a alteração que teve foi no próprio processo de construção, que teve essa alteração por exemplo do revestimento externo e tal. Então assim, eles discutiram e votaram que eles queriam, uma textura, uma casa de outra cor, fazer umas três cores [inaudível]. Eles queriam cor clara, então ficou tudo meio begezinho, azulzinho.

Giselle: Temos só mais duas perguntas pra finalizar. Como que você avalia os conjuntos da forma como eles foram executados. Do Juliana você falou que você não voltou. Mas principalmente ASCA e Villarégia, como você avalia, essa execução?

Ana Schmidt: Olha, eu acho que tem mais ganhos e pontos positivos do que negativos nessa história, né. Eu acho que assim, teve uma coisa que foi meio chata, mas assim no final do conjunto do residencial ASCA, que é o Uruçuia né, das 202 casas, aquilo que a gente falou né, de não ter envolvido. Imagina, 202 famílias, não envolver todo mundo, um trem complicado isso. Então envolveu um ou dois membros da família que se revezava, fazia mutirão e tal, e participava. Na hora que chega família inteira, então tem muita gente pra discutir, pra falar, pra por defeito, pra num se o que. Quando a URBEL chegou pra poder definir o valor que eles iam pagar de prestação, que era o financiamento, eu acho que eles acharam caro. Aí começaram a colocar defeito em um monte de coisa e entraram na justiça contra a URBEL e contra a gente.

Giselle: Ah, pra abaixar o preço...

Ana Schmidt: O incrível é que a gente era contratado por eles. O escritório teve que responder na justiça, e depois esse processo deu tudo certo, eles identificaram que a questão era outra e a

prefeitura também se defendeu, a gente se defendeu e acabou o processo. Não teve maiores consequências. Mas chegou nisso, entendeu? Então assim, isso foi um ponto negativo em relação à condução que talvez essa questão do pós-morar pudesse ter suprido um pouco disso, né. Mesmo que tivesse problemas, que a gente tivesse que ir lá pra ajudar a resolver durante o final da obra. Mas você ter um catalisador nesse processo de continuar, de conversar com as famílias, ter reuniões entendeu? De mobilizar as lideranças, discutir essas questões pra poder, primeiro essa convivência nova que eles tinham que se acomodar, né? Se acostumar em função de gente que tá vindo de vários lugares da cidade né. Então tem esse fator, tem o fator também de que a família é muito maior do que a pessoa que tava inscrita junto à associação, e aí tinha várias coisas que o pessoal, assim, na medida em que questionou valor e tal, e começou essa história de aqui tá vazando, a água tá escorrendo, tá minando água de não sei aonde, porque a chuva bateu na janela e tem umas frestinha que eles não podiam pegar uma massa, calafetar lá, ver onde tava entrando água. Enfim, resolver o assunto, entendeu. E aí, teve isso, e isso foi muito complicado.

Giselle: E foi a associação que entrou contra vocês? Ou alguns moradores no caso?

Ana Schmidt: Foi uma lista de moradores.

Giselle: Uhum, entendi. Que coisa, é impressionante.

Ana Schmidt: É muito complicado isso, mas enfim a gente...

Giselle: Deu tudo certo. Só mais uma agora, gente. Você participaria de novo de um processo por autogestão?

Ana Schmidt: Participaria sim.

Giselle: Mesmo com todos esses percalços?

Ana Schmidt: Mesmo com todos esses percalços, né. Acho que seria uma forma de fazer que difere bastante, e que cê tem uma vivência muito mais rica com as famílias. O profissional [inaudível] soma demais né. E é uma coisa que rebate uma série de coisas, assim, você vai evoluindo, do ponto de vista das soluções assim. Do exercício profissional.

Giselle: Muito bom. Vocês tem mais alguma questão?

Explicação final pra Ana sobre os produtos que serão gerados por essas entrevistas.

Ana Schmidt: Tem uma coisa que eu acho, que nessa questão da inserção urbana, que faltou um pouco, a gente tinha ali nas pontas, nos terrenos ali do Urucuia né, das 202 unidades, nas extremidades das quadras que eram áreas verdes pra tratar. Então acho que a prefeitura tinha que ter tido talvez um pouco de sensibilidade pra isso, porque é um espaço potencial de convivência né? E a gente não deu conta de fazer projetos, de executar, porque o dinheiro não dava né. E aí ficou acho que a desejar. Não sei o que que foi feito, se depois eles conquistaram por OP algum recurso pra implantar alguma melhoria nessa área.

Roberto: Sim, porque tem uma horta que se fala dela, mas a gente ainda não conseguiu ver a horta efetivamente, porque tem desencontro, mas todo mundo se refere a ela muito positivamente. Eles conseguiram também um equipamento comunitário que tem um centro comunitário assim

bastante bem construído. Tanto que no dia que nós fizemos a visita nós pedimos licença, a aula que foi lá dentro. Que tava todo mundo a gente sentou pra debater a própria visita. O lugar, eu acho que assim, ele vai ficando bem completo assim, desse ponto de vista. Eu acho que tem questões, igual você falou, umas passagens urbanas e tal que podiam ser mais bem tratadas. Mas tá lá funcionando beleza, sabe? A gente andou bastante lá inclusive. Nós fomos nas férias, com uma preparação, depois nós fomos com a turma, e depois nós ainda fomos no rolezinho. Porque na realidade você vai também entrando por lá. E nós tamos com a pretensão de conversar, porque tem, por exemplo, a gente repara uma certa fantasia comunitária por parte do discurso das lideranças, então a gente quer saber se as pessoas que não participaram tanto, mas também tem essa percepção. E isso você não consegue de cara, então nós tamo construindo esse jeito de chegar. E nós também aprendendo né, a entrevistar, fazer registro, e tentar dar um jeito de por isso no registro que outras pessoas [inaudível] confiável, auditável. Tanto que daqui a pouco a gente vai fazer... a Silke e a Ana Paula Baltazar, que são do MOM e do Lagear, elas têm muita experiência com essa história dessa aproximação. E tem também a Miriam, que foi minha colega aqui na escola mas que foi pra antropologia. Ela foi inclusive no rolezinho...

[explicação sobre método pra documentar esse material e como pode ser embasamento pra outros trabalhos; da possibilidade de utilizar os materiais/documentos produzidos durante esses processos de autogestão; ideia de fazer um compilado representativo desses materiais. Ana comenta sobre o Gutemberg do social, que também trabalhava com isso.]